

“EU, ALQUIMISTA DE MIM MESMO”: EXPERIÊNCIAS DE UMA VIAGEM EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

Rodrigo Felipe Veloso
Doutorando Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar o romance *A paixão segundo G.H.* sob a ótica da alquimia de Carl Gustav Jung, uma vez que a protagonista utiliza do processo alquímico, para conhecer a si mesma. Isso acontece quando ela passa por estágios sucessivos e dependentes de operações específicas como a *calciniatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio*, *coniunctio*, que têm por finalidade reunir o que foi separado, buscando uma integração do espírito por uma ativação da matéria, o que implica numa reflexão da personagem diante de sua existência e da relação sagrado/ profano. Portanto, interdisciplinarmente, é o caminho que percorreremos em busca de construir a identidade de G.H. e também da narrativa.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Literatura Brasileira, Alquimia.

ABSTRACT: This article aims to analyze the novel *A paixão Segundo G.H.* from the perspective of alchemy by Carl Gustav Jung, as the protagonist uses of the alchemical process, to know herself. This happens when it goes through successive stages and dependent on specific operations as *calciniatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio*, *coniunctio*, which are designed to bring together what was separated, seeking an integration of spirit by an activation of the matter, which implies a reflection on the character of its existence and the sacred relationship / profane. Therefore, interdisciplinary, is the path that will travel in search of building the identity of G.H. and also the narrative.

Keywords: Clarice Lispector, Brazilian Literature, Alchemy.

Escrever é um processo químico, o escritor deve ser um alquimista. Naturalmente pode explodir no ar. A alquimia do escrever precisa de sangue do coração.

(Guimarães Rosa)

A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector foi publicado em 1964 e recebeu dos críticos uma recepção satisfatória como sendo até então, o ponto mais alto dentre os romances da autora e sobre o qual nós faremos, neste trabalho, uma leitura alquímico-junguiana. Pretendemos demonstrar que o romance permite ser interpretado como a paixão alquímica de G.H. A autora

nos narra o espetáculo da existência revelada no corpo morto do inseto e, a partir dele, cria as raízes que a protagonista necessita para a constituição de sua identidade.

Nossa proposta de trabalho tem como objetivo utilizar as operações alquímicas apresentadas por Edward Edinger em seu livro *Anatomia da individuação*, visando associá-las aos estágios sucessivos da narrativa, bem como as experiências vivenciadas por G.H. Para o estudioso, existem sete dessas operações sendo os principais componentes da transformação alquímica, a saber: *calcinatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio*, *coniunctio*.

Para tal, necessitamos conhecer primeiramente como se configura a alquimia. Seu objetivo é obter, da transformação da matéria-prima, a substância miraculosa, ou seja, transformar o vil metal num metal precioso, cujo símbolo mais conhecido é a Pedra Filosofal. Por este motivo, o alquimista necessitava antes descobrir o material ideal, isto é, a matéria-prima, que era submetida a várias operações, as quais a tornava purificada e a transformaria na Pedra Filosofal.

Para Mircea Eliade, a alquimia se define como

[...] o drama místico do Deus, sua paixão, sua morte, sua ressurreição o que se projeta sobre a matéria para transmutá-la. Em definitivo, o alquimista trata à Matéria como o Deus era tratado nos Mistérios; as substâncias minerais “sofrem”, “morrem”, “renascem” a um novo modo de ser; quer dizer, são transmutadas.¹

Essas transformações contínuas na matéria, no corpo e no espírito sempre impressionaram o homem, Por isso, este frequentemente procurou investigar esses fenômenos através do conhecimento espiritual e dos experimentos com a matéria. Dessa tentativa de formar um conhecimento sobre a natureza que nasceu a Alquimia.

Para alguns alquimistas a busca pela Pedra Filosofal era metáfora da mutação da alma do próprio alquimista camuflada por fórmulas químicas e

¹ ELIADE, 1979, p. 120.

simbologias complexas. A Pedra Filosofal para esses alquimistas seria o símbolo de uma sabedoria que o homem adquire com o tempo e com a prática da alquimia. A partir dessa sabedoria, o alquimista poderia chegar a uma nova visão do mundo e a um domínio maior sobre a matéria. Pensando assim, a transmutação da matéria pode ser entendida como um símbolo de mudança profunda que ilumina, quer dizer, que transforma o interior do alquimista em ouro.

Assim, ao explorar a matéria em seu aspecto químico, o alquimista também fazia suas próprias experiências, encontrava a sua substância viva, visto que sua transformação inconsciente era um produto particular desse processo químico. O fato é que, em seu laboratório, ele já estava experienciando o seu próprio inconsciente.

Analisaremos as operações alquímicas em consonância a história de G.H. que, em sua experiência com a matéria da barata, passa por diversas etapas. Cada uma dessas fases não representa somente uma prática realizada em seu quarto, ou num laboratório para o alquimista, mas também, um despertar interior. Vale salientar que, a experiência alquímica de G.H., é a *via crucis* de uma paixão, a expressão de uma inquietação mística. G.H. é então submetida ao sacrifício de sua identidade, pois o que a consome é o seu desejo de ser.

O ritual da paixão alquímica

O alquimista/ escritor sabe que diante de suas experiências com a matéria-prima nem sempre se consegue atingir o sucesso, o fracasso muitas vezes pode acontecer. Edward Edinger ao aprofundar os seus estudos alquímicos em Jung, define e descreve que há uma delimitação numérica quando o assunto atinge as operações alquímicas. Como mencionamos, existem sete dessas operações sendo os principais componentes da transformação alquímica, a saber: *calcinatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio*, *coniunctio*.

A *calciniatio* pode ser concebida pelo intenso aquecimento de um sólido, para retirar dele a água, restando apenas um fino pó seco, o que equivale a cal. Desse processo temos também o aquecimento da pedra calcária, produzindo, então, a cal viva, e esta com a geração de calor, liga-se efetivamente ao fogo.

A calcinação de G.H. corresponde a sua angústia e sofrimento em relação ao desconhecido, ao que possa surgir, pois esse é o momento de queimar-se, abrasar-se nas emoções produzidas a partir deste cotejo. O seu eu sofre o processo de secagem ao sol, quer dizer, secagem pelo fogo. Em seguida, depois de purificado, transforma-se no *Si-mesmo*, que situa-se para além do limiar da consciência. O eu encontra aspectos obscuros e de difícil compreensão, este vive na realidade concreta da vida, conforme descrevemos no excerto:

Elas emergiam como se tivesse sido um porejamento gradual do interior da parede, vindas lentamente do fundo até terem sudorado a superfície da cal áspera. [...] Cada figura olhava para a frente, como se nunca tivesse olhado para o lado, como se nunca tivesse visto a outra e não soubesse que ao lado existia alguém”².

Em *A paixão segundo G.H.*, temos a imagem do sol equiparada ao fogo, em especial quando G.H. adentra no quarto da empregada e percebe nesse espaço o próprio sol. Isso porque “da porta eu via o sol fixo cortando uma nítida linha de sombra negra o teto pelo meio e o chão pelo terço. Durante seis meses um sol permanente havia empenado o guarda-roupa de pinho e desnudava em mais branco ainda as paredes caiadas”³. A presença do sol representa “[...] à prima materia, que é a morte, pela qual se deve passar quando se quer voltar ao estado primitivo dos elementos simples”⁴. É essa a meta a ser alcançada pela protagonista, ou seja, voltar-se para dentro de si e encontrar o que tanto deseja, bem como o começo desencadeador de tal situação está na morte da barata.

² LISPECTOR, 2002, p. 38-39.

³ LISPECTOR, 2002, p. 37.

⁴ JUNG, 1988, p. 95.

Outro aspecto nos chama atenção, conforme sublinha Serge Hutin:

Os alquimistas negam que a Grande Obra possa ser realizada durante o dia, numa luz artificial deslumbrante: o laboratório deve ser muito sombrio, iluminado apenas por uma suave vigia. À luz lunar, que é polarizada, atribui-se um papel essencial, alguns textos deixariam entender também a intervenção – mas apenas no momento decisivo – da captação repentina de um raio de sol. De qualquer modo, os alquimistas, para captar os raios da lua ou do sol, usam espelhos móveis, estes últimos figuram em diversas gravuras⁵.

Vale ressaltar que, o único local do apartamento em que o sol se abrigou era o quarto da empregada e sendo este onde a barata se encontrava. Era necessário que G.H. passasse por essa experiência, pois o contato com a matéria poderia transformá-la, trata-se da imagem do fogo, a *calcinatio*, que purifica os opostos para formar a unidade.

A operação da *solutio*, considerada como a raiz da alquimia, possui o objetivo de transformar o sólido em líquido. A *solutio* evidencia o retorno latente da matéria diferenciada ao seu estado indiferenciado original, ou em outras palavras, a *prima materia*. A água simboliza o útero e a *solutio* o retorno ao útero para fins de (re)nascimento. Nesse percurso, a imagem do quarto é o próprio retorno ao útero, a gênese e criação do mundo que se revela enquanto passagem, um rito iniciático visto como uma máxima da protagonista e, por ventura, simboliza para ela o ressurgir renascida.

Edinger revela um conjunto de elementos característicos e atuantes no processo da *solutio*:

Dissolve então sol e luna em nossa água solvente, que é familiar e amigável, cuja natureza mais se aproxima deles, como se fosse um útero, uma mãe, uma matriz, o princípio e o fim de sua vida. E esta é a própria razão pela qual eles são melhorados ou corrigidos nesta água, porque o semelhante se rejubila no semelhante... Assim, convém te unires aos consaguíneos ou aos de tua espécie... E como sol e luna têm sua origem nesta água, sua mãe, para que possam ser regenerados ou nascer de novo, e com mais saúde, mais nobreza e mais força⁶.

⁵ HUTIN, 1979, p. 59.

⁶ EDINGER, 1985, p. 68.

A *solutio* de G.H. acontece quando encontra na barata uma imagem de si mesma, de sua integração. Afinal, tudo no quarto estava seco e, somente na barata havia umidade: “só que ter descoberto súbita vida na nudez do quarto me assustara como se eu descobrisse que o quarto morto era na verdade potente. Tudo ali havia secado – mas restara uma barata. Uma barata tão velha que é imemorial”⁷. A busca pela *solutio*, por parte da protagonista instaura o poder da água enquanto símbolo desta, que surge como processo de unir um corpo sedento com a alma. Além disso, para os alquimistas a matéria física apresenta um movimento espiritual que nela se opera, de aperfeiçoamento e desenvolvimento interior.

Ao longo da aprendizagem de viver através das experiências da *calcinatio* e da *solutio*, uma outra operação alquímica nos é sugerida em algumas cenas da narrativa, que é a *coagulatio*. Ela surge para reorganizar a matéria que anteriormente foi dissolvida. O seu simbolismo está relacionado ao processo de transformação das coisas em terra que mantém uma posição fixa e permanente, pois não sofre alteração do ar, nem se adapta a qualquer ambiente, em oposição à água.

Edinger nos apresenta o relato de um sonho em que a reorientação surge como desaparecimento da antiga ordem:

É madrugada, a luz do sol nascente começa a aparecer. Estou mergulhado até a cintura numa substância formada pela mistura da lama negra, limo e excrementos. Não há ninguém por perto e a escuridão se estende até o horizonte. É como o começo do mundo, o primeiro dia da criação. Começa a agitar as pernas, batendo a lama negra com enorme e persistente esforço. Continuo a fazê-lo horas a fio e, aos poucos, o pântano primevo passa a endurecer e a tornar-se firme. Percebo que o sol se eleva no horizonte e que seu calor está secando a água e propiciando terra sólida. Antecipo que terei condições de pisar num terreno firme⁸.

A *coagulatio* equipara-se à criação, pois, segundo as histórias de alguns alquimistas o mundo foi criado por um “mergulhador da terra”, que trouxe fragmentos de lama do interior do mar. A formação da terra pela adição da

⁷ LISPECTOR, 2002, p. 46-47.

⁸ EDINGER, 1985, p. 103.

lama sinaliza mais uma vez, o desejo de G.H. em entender a criação do mundo em consonância ao seu despertar interior, na tentativa de constituir uma identidade sólida, porém esta escorrega por entre seus dedos, ou em suas palavras:

como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria-prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama – era lama, e nem sequer lama já seca mas lama ainda úmida e ainda viva, era uma lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade.

Toma, toma tudo isso para ti, eu não quero ser uma pessoa viva! Tenho nojo e maravilhamento por mim, lama grossa lentamente brotando⁹.

G.H. manifesta de forma “inflamável” o que está dentro dela, ora como um fogo arrasador, ora como um calor que é sinônimo de vida. Dentro dessa perspectiva, ela procura o seu desejo e prazer, uma vez que estes se encontram coagulados.

Ao falarmos do desejo da protagonista nos é sugerido outro ponto fundamental na operação da *coagulatio* que se deve à encarnação, porque o desejo impossível de controlar faz com que a vontade se torne substancial. À descida a terra, traz consigo o desejo e prazer pela carne, e o corpo terá de ser alimentado.

A união do corpo e espírito relacionada à *coagulatio* implica uma amálgama de imagens sobre a comida e a carne como alimento, uma vez que incorpora em seu estado substancial o comer e alimentar a carne, bem como aceitar suas limitações. Dentre estes aspectos, observamos G.H. numa incessante tentação do prazer, que busca alimentar-se integralmente, pois “a tentação é comer direto na fonte. A tentação é comer direto na lei. E o castigo é não querer mais parar de comer, e comer-se a si próprio que sua matéria igualmente comível”¹⁰.

G.H. em seu estado de ascese diante da matéria branca da barata decide comer do seu conteúdo viscoso e seco, mas percebe um sentimento

⁹ LISPECTOR, 2009, p. 56.

¹⁰ LISPECTOR, 2009, p. 127.

nojento, de repulsa e náusea, “[...] e então comecei a cuspir, a cuspir, a cuspir furiosamente aquele gosto de alguma coisa, gosto de um nada que no entanto me parecia quase adocicado como o de certas pétalas de flor, gosto de mim mesma – eu cuspi a mim mesma [...]”¹¹. G.H. entende que sua experiência diante da matéria já tinha um sabor conhecido. A barata a fez reconhecer o seu saber pelo sabor. Querer sentir o gosto da barata é para ela querer sentir o sabor de sua feminilidade.

Em oposição à *coagulatio* encontramos a *sublimatio*. O seu simbolismo tem relação com elevar-se e pertence ao ar. Através dela a matéria anteriormente densa passa pelo estado de volatilização e retorna menos densa.

A essência da *sublimatio* surge na terra que se transforma em ar, pois se efetua na subida aos céus e se encontra além dos limites da carne, tornando-se superior. Aos poucos, G.H. aprende a sublimar os seus desejos e espiritualizar os momentos mais ínfimos de sua vida, onde o amor é um movimento de trânsito pelos opostos em direção à redenção e reconciliação.

Mas amor, é assim como o mais insípido néctar – é como o ar que em si mesmo não tem cheiro. Até então meus sentidos viciados estavam mudos para o gosto das coisas. Mas a minha mais arcaica e demoníaca das sedes me havia levado subterraneamente a desmoronar todas as construções. A sede pecaminosa me guiava – e agora eu sei que sentir o gosto desse quase nada é a alegria secreta dos deuses. É um nada que é o Deus – e que não tem gosto¹².

A protagonista reconhece que o seu ritual de vida é pleno, sublime e misterioso: “[...] vivia na supercamada das areias do mundo, e as areias nunca haviam derrocado debaixo de seus pés: a sintonização era tal que, à medida que as areias se moviam, os pés se moviam em contato com elas, e então tudo era firme e compacto”¹³. E continua descrevendo que “[...] vivia no último andar de uma superestrutura, e, mesmo construído no ar, era um edifício sólido, ela própria no ar, assim como as abelhas tecem a vida no ar”¹⁴.

¹¹ LISPECTOR, 2009, p. 167.

¹² LISPECTOR, 2009, p. 102.

¹³ LISPECTOR, 2009, p. 67.

¹⁴ LISPECTOR, 2009, p. 67.

No sentido mais abrangente, trata-se da redenção do Si-mesmo do seu estado atual de existência, isso pode ser concebido no romance em estudo, como a “expulsão” de G.H. de seu mundo rotineiro pela *sublimatio*, que liberta o seu espírito oculto da matéria.

Ora, sublimar o corpo para G.H. se revela como desejo de amar um homem e cumprir seu destino de mulher. Comer da barata a faz resgatar o que antes estava adormecido em si mesmo. Ela reconhece que o próprio enigma de sua existência tinha como resposta o próprio enigma. Então, percebe que a “solidão é ter apenas o destino humano. E solidão é não apenas precisar. Não precisar deixa um homem muito só, todo só. [...] O amor já está, está sempre. Falta apenas o golpe da graça – que se chama paixão”¹⁵.

A operação da *mortificatio* assinala o momento de grande sofrimento, correspondendo à descida aos infernos, ao enfrentamento da sombra. A experiência do *nigredo* chamado também de “negrume” está imbricado nesse processo, sobretudo, por produzir sofrimento, dor e tortura.

A matéria sofre mudança até o desaparecimento do *nigredo*, quando se anuncia um novo dia, o nascer de uma nova luz, o que favorece o aparecimento do *albedo*, o estado de “brancura”. Depois desse estágio, surge o *rubedo*, o insuflar da vida, o sangue representa a “vermelhidão” da vida. Desse modo, tudo se integra na existência humana, a presença do sangue trará uma redenção e glória ao estado de consciência, onde o último traço de negrume será dissolvido, portanto, o aspecto diabólico deixará de existir fragmentadamente e passa a ser integrado à psique.

O *nigredo* associado à *mortificatio* é representado na narrativa pela imagem do inferno, este é igual “a boca que morde e come a carne viva que tem sangue, e quem é comido uiva com o regozijo no olho: o inferno é a dor como gozo da matéria, e com o riso do gozo, as lágrimas escorrem de dor”¹⁶. O *rubedo*, por sua vez, equiparado ao vermelho do sangue aparece nesse instante como ascensão a um novo plano e continuidade de vida, porque para

¹⁵ LISPECTOR, 2009, p. 109.

¹⁶ LISPECTOR, 2009, p. 120.

G.H. “esse era o inferno, onde quem comia a cara viva do outro espojava-se na alegria da dor”¹⁷.

A *mortificatio* da barata está vinculada ao negrume, ao esmagamento, à mutilação, à morte, à putrefação, em suma, é marcada pela cor negra. Todavia, essas imagens sombrias se ligam ao desenvolvimento do indivíduo que encontra na morte a vida, o renascimento. A barata “[...] parecia uma mulata à morte. Mas os olhos eram radiosos e negros. Olhos de noiva. Cada olho em si mesmo parecia uma barata. O olho franjado, escuro, vivo e desempoeirado”¹⁸. “A barata está viva, e o olho dela é fertilizante [...]”¹⁹. G.H e a barata se fundem formando a *coniunctio*, o casamento de opostos, afinal, “a barata não me via diretamente, ela estava comigo. A barata não me via com os olhos mas com o corpo”²⁰.

Há na morte da barata uma mudança gloriosa, pois a negrura é o começo da brancura. O indício de transformação e alteração física em seu corpo é sinal de que nesse instante ela se encontra mortificada. Da putrefação procede toda nova forma de vida. Esse processo de que todas as coisas vivas podem morrer, e as mortas decaem assinala que, posteriormente todas as coisas mortas voltam à vida.

Uma outra operação alquímica é a *separatio* que decompõe e divide a matéria, a fim de separar os seus elementos e, depois de purificada, reúne-os novamente. G.H. aprende que essa confusão das formas das coisas se apresenta enquanto se opera a metamorfose de si mesma, enquanto ela tenta organizar os elementos primários de sua experiência dentro do quarto. Então, ela relata se tratar de “uma metamorfose em que perco tudo o que eu tinha, e o que eu tinha era eu – só tenho o que sou eu. E agora o que sou? Sou: estar de pé diante do susto. Sou: o que vi. Não entendo e tenho medo de entender, o material do mundo me assusta, com os seus planetas [...]”²¹.

Ao longo do mito da criação, o primeiro ato se dá pelo Pai-Céu e Mãe-Terra que, surgem por sua vez, como unidade de conexão contínua. Assim, a

¹⁷ LISPECTOR, 2009, p. 120.

¹⁸ LISPECTOR, 2009, p. 55.

¹⁹ LISPECTOR, 2009, p. 93.

²⁰ LISPECTOR, 2009, p. 75

²¹ LISPECTOR, 2009, p. 66.

separação desse casal de opostos instaura um caminho para que seja criado um espaço para outros aspectos da criação. Segundo o mito, Deus iniciou a criação formando o mundo pela *separatio* entre o céu e a terra.

O Logos é um agente da *separatio* que indica uma consciência da natureza interna e externa compiladas em sua possibilidade de se dividir, escolher (nomear) e classificar. G.H., ao separar a barata em duas partes compreende: “é que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda. Em derrocada difícil, abriam-se dentro de mim passagens duras e estreitas”²².

Outro aspecto da *separatio* relaciona-se à morte ou assassinato, em outras palavras, equipara-se com a *mortificatio*. G.H. ao praticar o ato de assassinar a barata reflete sobre sua ação: “assassinato o mais profundo: aquele que é um modo de relação, que é um modo de um ser existir o outro ser, um modo de nos vermos e nos sermos e nos termos, assassinato onde não há vítima nem algoz [...]. Minha luta primária pela vida”²³.

Terminada a *separatio*, temos o produto da purificação da terra que é chamada de “terra branca foliada” e unida ao “sol purificado” ou ao “princípio do ouro”. G.H. assinala que, “quando acordei, o quarto tinha um sol ainda mais branco e mais fervidamente parado”²⁴. “Só hoje o sol me alcançara plenamente”²⁵. A purificação atua como princípio dual: sol/ lua, homem/ mulher, masculino/ feminino, terra/ espírito, barata/ G.H., simbolizando os pares de opostos, e estes quando regenerados podem reconciliar-se na operação alquímica da *coniunctio*, o alvo da *opus*. A partir de então, G.H. está apta para viver o clímax de sua vida, ou melhor, a sua *coniunctio*.

Segundo Walter Boechatt, a *coniunctio*, é a última operação alquímica, a mais importante e significativa da *opus* alquímica, uma vez que “[...] está relacionada com os fenômenos de aproximação e conjugação das polaridades psíquicas, que dissociadas promovem unilateralidade e patologias e, conjugadas, a criatividade”²⁶.

²² LISPECTOR, 2009, p. 56.

²³ LISPECTOR, 2009, p. 81.

²⁴ LISPECTOR, 2009, p. 103.

²⁵ LISPECTOR, 2009, p. 109.

²⁶ BOECHAT, 2008, p. 96, 98.

A *coniunctio* inferior leva à morte simbólica, porque a fusão de substâncias que não se apresentam completamente separadas é sempre seguida pela *mortificatio*. Como exemplo disso, temos a protagonista que ao degustar da massa branca e plasmática da barata sente o amargor que lhe traz náusea mortal. A experiência da amargura traz consigo a sabedoria. Para Jung, um elemento que liga amargura e sabedoria se relaciona ao sal.

Lágrimas, sofrimento e decepção são amargos, mas a sabedoria é que consola em qualquer dor da alma, na verdade amargor e sabedoria formam uma alternativa: onde houver amargor, falta a sabedoria, e onde houver sabedoria não pode existir amargor. O sal, portanto, é atribuído à natureza feminina por ser ele portador dessa alternativa marcada pelo destino. A propriedade masculina de ser como o sol, [...] se identifica o máximo possível com a consciência, isto é, com a ideia que cada um faz de si próprio²⁷.

G.H. entende que essa dicotomia do sal está associada ao seu ato de gustação totêmica em que a barata é a matéria a ser adorada, uma espécie de “oráculo de antenas”, que oferece a ela um acesso e ligação com a dimensão transcendental e, ao mesmo tempo estabelece um vínculo. Ao beijar o inseto, G.H. projetada nele a imagem de um homem e reconhece o sabor de sua própria feminilidade, porque “o sal de lágrimas nos teus olhos era o amor por ti. Mas, o que mais me havia ligado em susto de amor, fora, no fundo no fundo do sal, tua substância insossa e inocente e infantil: ao meu beijo tua vida mais profundamente insípida [...]”²⁸

Outro ponto fundamental na *coniunctio* é à purificação, a *Aurora Consurgens*, que se associa ao estado ideal do albedo, um modo de existência plenamente humano:

[...] é a luz, e a luz é a manifestação do criador, o desdobramento da criação, a multiplicidade permanente. O homem bebe na aurora a certeza do seu renascimento. Ele morrerá de noite, mas ressurgirá com a luz. Procurar a aurora é procurar a vida. Nisso consiste a sabedoria. E por isso se identifica também a aurora com a sabedoria. [...] Os elementos

²⁷ JUNG, 1985, p. 239.

²⁸ LISPECTOR, 2009, p. 88.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793

água, fogo, ar, terra, cristalizam-se à sua volta. A sua energia é psíquica: vento, luz. É redentora: sangue de Cristo²⁹.

G.H. ao vivenciar a aurora de sua vida reconhece nesta a sua “rainha”, pois ela é bela como a lua, radiosa como o sol, representando uma imagem luminosa da *coniunctio*. Na sua aurora, ela vive a revelação e mistério divino, bem como a existência do mal, no âmago mesmo de toda criação. De fato, a união da mulher G.H. com seu oposto masculino (barata-homem) representa à sabedoria de Deus, e este se faz morada entre os homens. A efetivação da sabedoria ocorre, para aquele que a encontra, como um alimento eterno. G.H. é a mulher que conduz à vida, o seu amor é, por excelência, a força que reúne os contrários.

A transformação que o amor produz, opera a alquimia interior que se apresenta em *A paixão segundo G.H.* sob o prisma da vida e morte (ou mata ou faz viver), percorrendo um caminho por vezes divino e sendo verdadeiramente o caminho do homem, no centro da criação, o espaço das mutações.

A protagonista passa por todas as fases de sua natureza humana, até consumi-la no fogo ardente que purifica tudo. Chegando a fase de agregação consigo mesma, ela primeiro necessitou andar pela terra, e se por em contato com as inúmeras variantes do mundo físico, a fim de constituir sua identidade, então, a sua integração está concluída, o encontro com a Pedra Filosofal se faz presente.

Referências

BOECHAT, Walter. **A mitopoese da psique**: mito e individuação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CENTENO, Yvette K. **A alquimia do amor**. Lisboa: A regra do jogo, 1982.

CENTENO, Yvette. **Literatura e alquimia**: ensaios. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

²⁹ CENTENO, 1982, p. 10.

- EDINGER, Edward. F. **O mistério da coniunctio**: imagem alquímica da individuação. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Ferreiros e Alquimistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- HUTIN, Serge. **A tradição alquímica**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1989.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. **As Etapas da Vida Humana**. Obras Completas. Vol. VIII. Petrópolis: Vozes, 1984.
- JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**. Vol. XIV/ I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Trad. Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1980.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- NUNES, Benedito. (Org.). **A paixão segundo G.H. Ed. Crítica**. Brasília, DF: CNPQ, 1988.
- NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- PIRES, Lúcia. **A trajetória da heroína na obra de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Ed. Dantes, 2006.
- SILVA, Teresinha V. Zimbrão. **A alquimia do amor: uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Revista Verbo de Minas, Juiz de Fora, v. 6, n. 11/12, p. 71-85, 2007.